

Archivo Contemporaneo

ILLUSTRADO

Redactor-Chefe
CASTRO SOROMENHO

Revista Quinzenal

Director Literario
DR. JANSEN DO PAÇO

COLLABORADOR EFFECTIVO: ANTONIO ZALUAR E SECRETARIO DA REDACÇÃO: EMILIO DE FARIA

Publica biographias, retratos, illustrações, chronicas, poesias, romances, contos, charadas, coisas do sport, criticas mundanas, informações de toda a ordem, receitas, artigos politicos, annuncios, reclames, estatisticas de estabelecimentos commerciaes, industriaes e agricolas, communicados, anedoctas, pilherias, logogriphos, chronicas sobre todos os theatros, sciencias, litteratura e artes, etc., etc.

Côrte: Redacção e administração RUA DO CARMO, 65.



BIOGRAPHIA

BARONEZA DE MAMANGUAPE

La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours.
VICIEN HUGO.

A illustre senhora, que hoje nos enriquece e abrilhanta com o seu retrato, é a esplendida e talentosissima poetisa, que o publico e a imprensa fluminense, conhece ha muito tempo, pelas deslumbrantes produções do seu genial talento! Senhora d'uma esmerada educação litteraria, versada profundamente em varias linguas, autora de varias obras importantes da litteratura, possuidora d'uma peregrina elegancia, d'um bello gosto artistico, poetisa idealmente sonhadora, a Exma. Baroneza de Mamanguape, tem já a consagração do seu talento, que se applande sempre, nas suas manifestações poeticas.

Festejada collaboradora, da imprensa diaria da Côrte; os seus lindos sonetos, respirando um sentimentalismo adoravel, palpitando talvez muito nervosamente, repletos de lagrimas, e de adoraciones virginaes, têm o profundissimo cunho, não da mulher, que em rimas ligeiras e metrificadas, compõe uns versos, mas sim da poetisa mirificamente inspirada que nos arroubos entusiasmaticos da sua alma, candidamente voejando nas amplidões do espaço, ou nos páramos do infinito, produz os mais sublimes sonetos, ou as poesias deliciosas de um sentimento esdruxulo. Como mulher, a Exma. Baroneza é a esposa e a mãe, mais carinhosa e desvellada que se pode exigir ainda n'um requinte de puritanismo; como dama, a sua fina educação e as prendas brilhantissimas que esmaltam o seu espirito rutilante, agudo e por vezes levemente ironico, a interessante conversação, com que delicia os que a ouvem, a elegancia distincta do seu porte, e um *néo sei que* de ethereo, de indolente e de pallido que se evola da sua phisionomia impressionadora, produzem um

conjuncto tão altamente attrahente, que se pode dizer afoitamente, o talento, a graça e belleza estão magistralmente reunidas na deslumbrante e aristocratica poetisa.

São multissimos os correctissimos sonetos da Exma. e nobre versejadora.

Não elogiemos mais, para não nos taxarem — os criticos enfermicos e imbecis — de thuricremo, e pela razão simplicissima de que toda a imprensa tem esplanado a nota impressiona-

resdo a publicação dos seus versos, porque o seu estado de saude, não é tão regular como parece. O nervosismo, innato em todas as organizações sua e privilegiadamente sensivel, tem produzido na illustre dama, alguns symptomas demasiadamente encommodos, e que a tem privado de continuar a abrilhantar o jornalismo com os seus trabalhos. Felizmente hoje, acha-se quasi restabelecida, e a therapeutica que a sua importante saude reclama é apenas algum repouso de espirito. Finalizamos este ligeirissimo perfil biographico pedindo á nobre dama a honra de algumas das suas produções para a nossa revista, e a indigencia do seu generoso caracter para o arrojio da nossa critica.

Almas finamente educadas como a sua, perdoem até aos inimigos; mas não que esqueçamos e ignoremos a utilidade e a importância da homenagem do mais respeitavel sentir rogamos á illustre senhora, nos relieve o desalinho d'este preto singelo, mas sincero!

Hoje mesmo, no *Archivo* se distingue um mimoso soneto da nossa gentil biographada.

S. Exa. tem recebido dos nossos primeiros estylistas e poetas as opiniões mais hoppingas, como critica aos seus esplendidos versos. O feliceo e erudito conselheiro Francisco Octaviano, poeta distinctissimo, em carta dirigida á nobre baroneza, assegura-lhe o successo dos seus sonetos, sempre que elles se patenteam á critica.

O Exmo. Sr. Conselheiro E. Taunay, talento reconhecido e laureado, igualmente em carta lhe apresenta a sua admiração e a incita a continuar produzindo sem interrupção os seus inspirados versos, tão sonhadores e tão delicadamente burilados.

Enfim Arthur Azevedo, e varios criticos austeros são unanimes em afirmar, que a Baroneza de Mamanguape, é uma alma idealmente moldada n'uma estrophe, impregnada dos perfumes voluptuosos do verso, e destinada a firmar-se indeleavelmente no mundo litterario, com o seu pujante talento de poetisa.

Em breve resenha, vamos discriminar os diversos jornaes, que publicaram as produ-



BARONEZA DE MAMANGUAPE

dora, que lhe tem ferido a retina da observação, produzida pelas inspiradas composições da bella poetisa. S. Exa. ultimamente tem ra-

ções da Exma. Sra. Baroneza de Mamanguape. Le-se no *Jornal de Notícias*, da Bahia, de 24 de Maio de 1888 o soneto *O vendaval*; no *Jornal da Parahyba* de 1 de Junho de 1888 um bello soneto dedicado a S. A. a Princesa Imperial; na *Gazeta de Notícias* dos dias 18 de Junho de 1888, 6 de Abril e 30 de Maio de 1889 foram insertos os sonetos *A lagrima*, um dos mais lindos, *Noiva Morta* e *A escola*, dedicado a S. M. o Imperador.

O *Diário do Rio Claro* de 24 de Julho do anno passado e o *Progressista*, de S. João da Barra, publicaram o esplendoroso soneto *Adormecida*.

A *Lagrima*, um primor de fôrma, foi tambem publicado no *Norte do Brasil*, jornal de Manaus, de 13 de Agosto de 1888, e no *O Dia*, de Lisboa, de 22 de Agosto e no *Diário do Gram-Pará* de 28 de Agosto.

A *Morta*, outro bellissima soneto, publicado no *Diário de Notícias* de 26 de Setembro de 1888, foi transcrito no *Diário do Gram-Pará* de 11 de Novembro e no *A Província do Espírito Santo* de 14 de Outubro de 1888.

Arthur Azevedo, na sua secção *De Palanque*, do *Diário de Notícias* de 26 de Setembro do anno passado, brindou os seus leitores com a inserção dos versos 22 de Agosto, da eximia poetisa.

As brilhantes paginas da revista *13 de Maio* já foram engrandecidas com a publicação do soneto *Seus olhos*, e o 2º numero do *Archivo Contemporaneo Illustrado* publicou *A perola*.

CASTRO SOROMENHO

BARÃO DO GUAHY

E' o retrato do notavel politico, o Exmo. Sr. Barão do Guahy, que temos a honra de inserir nas paginas do *Archivo* para lustre da nossa secção biographica.

O trabalho de reunir dados e apontamentos é arduo e por vezes difficil! A relutancia declarada em vivermos em obter umas ligeiras notas biographicas de S. Ex. obriga-nos a reprimir a linguagem que por muito despaixonada pareceria quiza economicista!

Nunca tivemos em mira, o enaltecer qualidades, serviços ou prestimosidades que não existissem!

O seculo é de trabalho e de talento! Os titulos, as grandezas, as honras, e a nobreza do pergaminhos soffrem, só por si, na época que atravessamos, d'uma indifferença gelida, d'um ostracismo injusto, d'um septicismo perverso e mal comprehendido! Exige-se mais!

Joaquim Elysiu Pereira Marinho, actual Barão de Guahy, nasceu na provincia da Bahia a 24 de Janeiro de 1842, tendo por paes o fallecido Conde de Pereira Marinho e a Exma. Sra. Condessa do mesmo titulo, ainda sobrevivente.

Com 7 annos de idade, isto é, em 1849, partiu para a Europa, a fim de se educar, permanecendo em Lisboa seis annos e na Inglaterra, França e Allemanha mais quatro.

Tendo como preceptor um professor allemão, visitou, na sua companhia, as principaes capitães do velho mundo, até que em Londres, mostrando tendencia para o commercio, abraçou essa carreira, praticando-a na casa de *Knowles & Foster*. Em 1859, S. Ex. regressou a sua patria e immediatamente tomou conta da casa commercial, de seu digno e illustre pai, na Bahia, que gyrava sob a firma social de Marinho & C. Foi socio da mesma em 1860 e dirigiu-a, como seu chefe, desde 1877 até hoje.

Em 1869 matriculou-se como negociante e pouco depois foi eleito e designado presidente da Junta Commercial de S. Salvador, e bem assim presidente da Associação Commercial da Bahia.

De 1862 a 1882 exerceu na sua provincia, o cargo de Consul da Republica Argentina.

Na politica, onde S. Ex. tem representado saliente papel, começou em 1881, por ser eleito

deputado à Assembléa Geral Legislativa pelo 1º districto da capital da Bahia, sendo reeleito em 1884 e 1886.

O seu illustre nome, já entrou em duas listas senatoriaes, sendo sempre acolhido com applauso pelos seus correligionarios.

A 5 de Janeiro de 1889, pela retirada de um dos membros do gabinete João Alfredo, S. Ex. foi chamado aos conselhos da corôa para gerir a pasta da Marinha, recebendo quatro dias depois a carta de conselheiro.

Os serviços que prestou ao paiz como ministro estão patentes e dispensam elogios; impõem-se a consideração de todos, pela elevação de bom senso politico que os presidiu.

Na Camara dos Deputados exerceu os cargos de 1º, 2º e 3º vice-presidente e fez parte de varias comissões, inclusivé a do orçamento. Apresentou alguns bem elaborados projectos destacando-se o da organização dos Bancos de Emissão, discutindo com profficiencia além disso varios assumptos economicos para os quaes tem decidida inclinação e raro timo.

Chefe do partido conservador, na sua provincia, depois da morte do Sr. Barão de Cotepepe, S. Ex. o Sr. Barão de Guahy, exerceo n'ella a maior influencia e occupa as primeiras posições, como passamos a enumerar.

Façamos justiça aquelles que se salientam do meio apathico e indifferente em que vivem.

E' presidente do Banco da Bahia; vice-presidente do Instituto Bahiano de Agricultura; provedor da Santa Casa da Bahia desde 1880; provedor do Azylo de Mendicidade e do Hospital dos Lazários da mesma provincia, desde 1887, etc.

Concorreu grandemente, para a criação das escolas publicas da Bahia, como secretario da commissão nomeada *ad hoc*, e bem assim para o desenvolvimento do instituições industriaes.

Graças a ingentes esforços, conseguiu fazer erigir na praça do Riachuelo, na Bahia, o primeiro monumento aos *Bravos do Paraguay*!!...

S. Exa. o Sr. Barão de Guahy, pelas suas relevantes serviços, cingiu no peito as seguintes condecorações e honras: de cavalleiro da Real Ordem Militar Portuguesa; da Real Concelção de Villa Viçosa; fero de fidalgo da Real Casa de Portugal; commenda da I. O. de N. S. Jesus-Christo e finalmente o baronato com grandezza pelo seu paiz.

Consta que recusou o titulo de Conde, por Portugal, que lhe foi offerrecido logo após o fallecimento de seu paes; bem como o titulo de Visconde pelo Brazil, que S. M. o Imperador justiceiramente lhe offerrecia.

Casado com a Exma. Sra. D. Helena Leal Marinho, filha do Exmo. Sr. Conselheiro Felipe José Pereira Leal e de D. Mercedes Lavalle Leal, S. Exa. o Sr. Barão tem por esposa uma senhora de alta distincção, esmeradamente educada e uma das primeiras flores que ornão o bouquet do nosso *high-life*.

Para fechar essa pequena biographia que sómente dá uma pallida idéa da vida publica do Exmo. Barão, resta-nos dizer qua a Bahia deve a sua grandezza a tres homens — Visconde de S. Lourenço, Conde de Pereira Marinho e Barão de Guahy; e ella, reconhecida, apresenta o agora candidato ás futuras eleições.

Oxalá que mais uma vez triumpho no pleito que se deve travar.

VISCONDE DE FIGUEIREDO

(Conclusão)

Muito tinhamos que acrescentar, á luminosa biographia do notavel capitalista, se tentas-

semos fazer a critica minuciosa dos actos meritos que exornam a sua afadigosa existencia! Não cabe no acanhado circuito desta revista, o trabalho que encheria bem tomo de maior folego. Limitemo-nos, pois a dizer que a sua principal criação, a obra gigantesca que elle viu coroar seus esforços, e que dá a medida exactissima do seu prestigio e elevado credito é, sem duvida, o Banco Internacional do Brasil, estabelecimento com succursaes em quasi toda a Europa, dispoñdo de uma concessão de importancia extraordinaria! Foi fundado no dia 12 de Novembro de 1888. O seu credito irrompeo energetic, desde o seu proposito e programma. O nome do nobilissimo visconde como seu fundador, inspirou a confiança em todos, os que desejavam entregar á sã administração, do habil financeiro, os seus capitães.

A personalidade, do Exmo. Visconde tem-se ligado a mais de uma empresa importante. Agora tentamos emprender a grande obra — a estrada de ferro do Brazil á Bolivia, projecto colossal a que se acha ligado o Exmo. Sr. Mello Barreto. Character honradissimo e um dos maiores trabalhadores, financeiros da nossa praça, perito em questões commerciaes, onde os mais difficeis problemas encontram solução. O Exmo. Sr. Visconde de Figueiredo é uma alma grande, sempre disposta a auxillar os que precisam de protecção, Franco, mas um pouco retrahido, á primeira vista crê-se que elle não tem a amabilidade grandemente provada, que se lhe reconhece pelo tracto de algumas horas, de conversação. São um tanto frios na apparencia os grandes corações!

Se tivéssemos colhido em boa fonte os apontamentos biographicos de S. Ex., de certo que o modesto trabalho que expomos seria maior e muito mais minucioso!

O balle que S. Ex. offerrecu ainda o anno passado a 30 de Agosto, no Cassino, o maior e mais sumptuoso que se tem dado na corte, dá a prova completa de quanto o Exmo. Sr. Visconde é fidalgo e generoso, e sabe ser gentilmente grato á fineza que se lhe rende e a que elle tem reconhecido direito, pela sua elevada philanthropia, talento e distincção.

C. S.

CHRONICA



Esta nossa indifferente Paris-mirim celebrou de todos os modos imaginaveis o grande centenário da tomada da Bastilha. A Imprensa, os Republicanos e os Estudantes, o Derby-Club, o Commercio, o bom Povo, até mesmo os Francizes cada um commemorou a seu sabor aquella queda do ultimo baluarte do despotismo, que tantos outros tem erguido de-

pois d'esse, para o bem de todos e felicidade geral das nações.

Aquella não quiz reproduzir a saneta união dos tempos do 18 de Maio, nem publicou edição especial em homenagem aos principios da liberdade do homem. D'esta vez cada batalhador inscreveu no seu pavilhão a grande data, sem cogitar do que fa-

riam os vizinhos.— E' bom costume; e os assignantes *tomaram*... esse calote de menos.

Os Republicanos e os Estudantes congregados celebraram uma sessão solenne do *memento*, presidida pelo prestigioso chefe do partido o laureado jornalista Quintino Bocayuva. Foi a manifestação mais adequada. A *sabida tomaram*... algumas vaías estúpidas e brutais.

O Derby-Club apresentou uma festa hypica digna de todos os encomios. Grande concorrência, pareos bem disputados, premios excessivamente tentadores, profuso *lunch* e muita alegria. Como foram invadidos os cavallos e os seus proprietarios! — Sem mais commentarios: o Derby-Club *tomou... a panta*.

O Povo, esse grande collectivo anonymo tão indifferente nas festas nacionaes, teve um rasgo de enthusiasmo e tentou reproduzir os episodios da primitiva com certa aproximação. Ensontraram-se dois partidos oppostos. Houve lucta, pugilato, salvas de tiros, ferimentos, arrombamentos, etc., etc. Só faltou o simulacro da fortaleza para tornar-se mais completo o *simile*. Na falta de melhor, disputaram entre si, ou antes embarçaram o livre transito da rua do Ouvidor. — Dos dois partidos que se bateram, o do bem e o do mal, ambos elles andaram bem mal. Estes *tomaram*... balas e pancadas para regosijo proprio.

Os Francezes... oh! esses desmentiram a proverbial delicadeza de todos os tempos e manifestaram o seu enthusiasmo de um modo muito especial. Recusando-se a tomarem parte nos festejos que os nacionaes organisaram em honra do seu paiz, deram uma nova recita da commemoração dos annos anteriores: — o classico concerto e baile no Casino, e *tomaram* pastilhas e taças de champagne para refrescarem o ardor do seu patriotismo.

No *postridio*... uma tentativa de regicidio aqui na Corte!

Aquelle evento *podia* ser previsto? — Pois um homem que dedicou toda a sua vida ao Brazil; cujo espirito democratico tem sido tantas vezes proclamado; que ainda ha pouco, no leito de agonias, ponde contemplar as angustias com que a patria chorará a sua morte; que voltando ao seu paiz, alquebrado por uma molestia de terminação fatal, viu-se ainda cercado de mais estima, de mais sympathias, de mais enthusiasmo do que nunca: — esse homem poderia lá julgar que se tornasse alvo de semelhante attentado? Taes promissas, de certo, não encerravam aquella conclusão.

Estudando, porém, o facto, não lhe achamos a significação politica que alguns espiritos malevolos, mais realistas que o rei, julgaram descobrir. Elle não envolve de modo algum a responsabilidade de um partido, que é o primeiro a reputal-o uma brutalidade revoltante. Foi simplesmente a tentativa audaciosa de um louco. A verdadeira victima foi o proprio criminoso, um pobre rapaz sem idéas politicas, sem aspirações de futuro, um estrangeiro sem novel especial para o crime, que nada tinha a lucrar com aquelle tiro disparado ao acaso, sem pontaria, talvez mesmo inconscientemente! — Querrem agora responsabilisar por isso os republicanos, é uma infamia tão indigna como o proprio attentado! Aquella *carta anonyma* dirigida ao Imperador, traz a responsabilidade ostensiva de um testa de ferro irresponsavel politicamente fallando. Se não puderam descobrir auc-

tores, deixem-se tambem de hypotheses fantasticas e desarraxoadas.

Seja como for, esse facto deu occasião a innumerab adherências á pessoa do Imperador. Houve um verdadeiro diluvio de telegrammas e manifestações, umas de caracter official, outras exclusivamente particular.

Façamos o resumo: Os soberanos e chefes dos diferentes Estados, os diplomatas e consules nacionaes e estrangeiros, os vascendos pais da patria, os ex-angustos da nação, os presidentes das nosas provincias e as respectivas assembleas, a alta magistratura, as congregações das Academias, as diferentes repartições publicas, o professorado, emfit toda a administração superior do paiz, todos fizeram-se representar junto do monarcha, testemunhando-lhe o quanto lamentavam tal descasto á sua pessoa.

As associações scientificas, litterarias, commerciaes, benedictas, etc., enviaram deputações congratulatorias pelo inaccessor d'aquelle tentativa — A imprensa nacional e estrangeira profugiu energicamente o facto, abundando em considerações de respeito e homenagem ao velho Imperador.

No Instituto Historico, a cuja sessão compareceu no dia 19, nas ruas e praças por onde passou, no theatro D. Pedro II por occasião de cantar-se o *Rigoletto*, em toda a parte, recebeu elle inequivocas provas de apreço e amizade. A manifestação de *desagravo* que lhe fizeram no theatro foi imponente e sincera. Ella por si só bastaria para destruir a má impressão anterior.

Essas manifestações eram de facil previsto. Todos sabem que o Brazil está vinculado á pessoa do Senhor D. Pedro II, e que a monarchia no Brazil é elle e existe por elle e para elle. Esta convicção é geral e impõe-se á todos os espiritos, até mesmo aos mais adiantados. Attentar contra aquella existencia era tocar n'um idolo consagrado já pelo tempo e pelo habito, já pelo respeito e consideração que tem adquirido e conservado durante tão largo periodo de governo.

Em relação á policia. Acordou um pouco tarde. Foi mister que ameaçassem a vida do Rei para ella lembrar-se de que a segurança publica tambem andava ameaçada! Pois só agora é que deu por isso? Não tinha ainda encontrado motivos sufficientes para *prohibir* o uso de armas prohibidas? Em tantos disturbios que tem escandalisado ultimamente a população fluminense, só este veio ferir-lhe a impressãoavel retina?

Demos parabens á nossa boa estrella! Vamos gozar dos inestimaveis beneficios a que tem direito uma sociedade policiada! Estamos no caminho do progresso!

Mas, no ardor que a devora pela manutenção da ordem, não vá aquella *inestimavel* instituição até ao ponto de invadir as sagradas attribuições do poder moderador! Senão, iremos denuncial-a si propria pelo crime de conspiração contra as instituições juradas! Ora esta de lembrar-se a Policia de *sanccionar* por um edital os artigos do nosso Codigo Criminal! Dizer ao povo que está em vigor uma Lei não revogada!

Além de pleonassmo é ridiculo!

Foi publicado o relatório do Delegado de Policia sobre o crime do infeliz Adriano do Valle. Fez-se tanto segredo, cercou-se

aquelle processo de tantos mysterios que esperavamos todas revelações importantissimas sobre o facto. E no fim de tanta demora que excitava a anciedade publica, apparece-nos apenas o filho da montanha, um insignificante arraxoador onde muitos pontos capitães não foram sufficientemente elucidados!

Deixemos em paz a Policia e conversemos um pouco com a *colonia portugueza*. Achamos natural que essa notavel aggrimação queira tributar homenagens ao Imperador. E' muito justo que lamente o desagradavel incidente do dia 15 do passado. Mas, augmentar as affeições do seu desagradado compatriota é pouco generoso; expulsal-o do seio da colonia é ridiculo! Para que se preocupam tanto os Portuguezes com um facto em que não está envolvida a honra da colonia? Alguem accusou-os de solidariedade e convivencia com o criminoso? Deixem, portanto, o pobre moço tranquillo; esqueçam-n'o, se assim o entenderem; mas não o atormentem no seu infortunio

Emquanto continuam as interminaveis manifestações, S. M. o Imperador seguiu em viagem de recreio pela provincia de Minas-Geraes, onde foi inaugurar o encantado ramal da Ouro-Preto. A recepção do augusto viajante n'aquelle moderno baluarte da *Re... publica* foi condigna e entusiastica, segundo rezam as correspondencias; e, se a logica dos factos é verdadeira, é provavel que S. M. volte lá mais satisfeito do que seu illustre Pai.

Esta viagem é uma resposta laconica com endereço aos extremados manifestantes. O Imperador *manifesta* por sua vez que o assumpto já está muito que explorado e que lhe querem dar uma importancia demasiada. Deixem-n'o, pois, dormir accegado. Se continuarem, elle começará a sentir do incidente uma nova impressão... a do tédio

Levntemos o nosso protesto contra o *desinteresse* do Sr. Musella. Correspondeo perfectamente á expectativa do publico! Pagon com *usura* o bom acolhimento que receberam os seus afamados artistas e não menos insignes tocadores! Sim senhor! Para ter a honra de fazer cantar o *Escravo* exigir a insignificante quantia de *noventa e cinco contos de réis* é na verdade muita *abnegação*! Não vá arruinar-se por isso o pobre do emprezario, que *estava animado da melhor b a vontade* para com o maestro e a opera! Que felicidade a sua de se ter dissolvido a comissão da imprensa sem lhe aceitar o *generoso sacrificio* que tão espontaneamente queria fazer ao respeitavel publico! Carlos Gomes que lhe agradeça tão *valioso* auxilio!

E' realmente impagavel este Sr. *Maçella*. A prima-donna Singer tem cantado com successo nos *Huguenotes*... E' quanto basta para não ser contemplada na distribuição d'essa opera! — O Sr. Pouthod não foi applaudido... E' caso para soffrer redução nos ordenados, como se tal condição pudesse figurar no contracto! — O publico espera e deseja ouvir o Othello que lhe foi prometido... Não senhor; o emprezario come o Othello e vomita umas operas de pouco valor e outras tantas repetições! — As operas de Carlos Gomes promettem-lhe novo meio de levantar capitães aqui mesmo para fazer face ás avultadas despesas da companhia... Pois bem, o *bom senso* do

italiano oppõe-se ás representações como um Bandedó irremovível!

Não será o caso de nomear-se-lhe um curador? Ou estará elle zombando de nós?

Para concluir.

A simples promessa substituirá de hoje em diante o anachronico juramento obrigatorio. Os illustres doutorandos e bacharel-andos já podem receber todos os grãos officiaes sem quebra, das suas convicções politicas e religiosas. É um corollario legitimo do que foi vencido na Camara contra o voto de todos os susceptíveis coroados, que ali tinham assento na legislatura dissolvida. Honra, pois, ao nobre Ministro do Imperio por ter derrubado aquella barreira erguida ha seculos contra o livre modo de pensar de cada um!

Receba S. Ex. os sinceros cumprimentos do chronista, seu antigo discipulo e admirador

TITO LIVIO.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos:

— *Brevés considerações sobre mineralogia, geologia e industria mineira do Brasil.* Projecto de consolidação dos trabalhos relativos a este assumpto. Conferencia realizada no Instituto Polytechnico Brasileiro a 7 de Novembro de 1888, por D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotta. 1ª parte, 2º fasciculo, 2ª edição. Rio de Janeiro, typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1889, in-8º de 98 pp.

Magnifica impressão em excellenté papel.

Este 2º fasciculo traz outro titulo que define melhor o assumpto: *Apontamentos sobre mineras do Brasil — Ensaio de estatística e geographia mineralogica.* Como trabalho scientifico é uma bella promessa, que revela o quanto S. A. se tem dedicado aos estudos de sciencias naturaes.

Ahi são consideradas as seguintes especies mineras: acerdeio, aegirina e achmito, alabandina, albitto, alumen, alunogenio, amphibolios, amphiogenio, anacimio, anastasio, andalusito, anglesito, annabergito, anthosiderito, anthracito, antimonio, apatito, apophyllito, aragonito, argilas, arsenopyrite, asbolanes e asphalto.

Entretanto o autor declara muito modestamente em nota:

“Não pretende esta resumida enumeração de mineras ser completa. Nada mais é do que base de futura publicação, que obrigará a muitos annos de aturado trabalho.”

Felizmente não lhe faltam nem talentos nem meios de levar avante o seu importante trabalho.

— *Separat-Abdruck aus den mineralogischen und petrographischen Mittheilungen herausgegeben, von G. Tschermak, Wien, Alfred Hölder (Druck von Gottlieb Gistel & C., in Wien) s. d., in-8º de 18 pp. num. de 451-467, com uma estampa fóra do texto e figs. intercaladas.*

Contem: *Dom Pedro Augusto von Sachsen-Coburg: Beiträge zur Mineralogie und Petrographie Brasiliens.*

Nest outro trabalho são estimadas algumas mineras existentes na provincia de Minas Geraes (no Morro Velho, em Caldas, e Diamantina), no do Rio de Janeiro (em Petropolis) e nesta cidade (pedreira da Saudade, Estrada Velha da Tijoca e pedreira do conde d'Eu, nas Larangeiras).

Accusamos o recebimento dos seguintes jornaes:

Da Corte: *Gazeta de Noticias, O Paiz, Diario de Noticias, Diario do Commercio, Tribuna Liberal, Gazeta da Tarde, Novidades, A Rua, O Apostolo, A Estação, Mequetrefe, Correio Portuguez, Gazeta Luiziana, A Pitheria, O Raio e A Luva.*

Da provincia do Rio de Janeiro: *O Amigo dos Pobres*, que se publica em Valença.

Da de S. Paulo: *Gazeta do Povo, Folha Academica, A Platéa*, folhas da capital; *Diario do Rio Claro, Gazeta de Campinas, Correio da Limeira, Gazeta de Tatuhy, Gazetinha*, de Guaratinguetá, *Setimo Districto*, do Amparo, *Gazeta da Bocaina e Echo Municipal*, ambos da villa da Bocaina, *Oeste de São Paulo*, de Casa Branca e *O Conservador*, da cidade do Cunha.

Da de Minas Geraes: *Gazeta da Tarde e Diario de Minas*, ambos de Juiz de Fora, *O Leopoldinense*, da cidade de Leopoldina.

Agradecemos aos collegas a honrosa permuta. E perdoe-nos algum involuntario olvido.

ENVES.



Como ellas são
(PERFIS FEMININOS)

MARIETA (Continuação)



Os grupos na rua do Ouvidor faziam alas e ella passava, com a vaga sensação de um triumpho, por entre as exclamações admirativas dos rapazes, sorrindo, levemente corada.

Volteava, aosinha, com des-

embaraço, entrando nos armarios, olhando as modas nos mostradores...

A's vezes, por volta das quatro horas ia encontrar-se com o marido que só deixava o negocio ás cinco. Mas geralmente voltava só, no bond, entre o fumo dos cigarros, rodeada de homens que a olhavam muito...

Ao jantar dizia o que tinha visto, as pessoas conhecidas que encontrára e a cubica que lhe despertára n'um mostrador de ourives um chuveiro de brilhantes...

Iam depois para a sala da frente e, sentada no sofá de damasco carmesim, fazia troça com a gravidade do marido que, de mãos nos bolsos, passeiava de um canto a outro da sala

Levantava-se tambem, punhã-se a passear ao lado d'elle, muito séria um instante, imitando-o Arremeçava, com os dentes cerrados, o sotaque inglez com que elle pronunciava certas palavras portuguezas. Onofre ria-se, achando-lhe graça n'aquellas infantildades jovias.

Algumas tardes, quando elle entrava da cidade, encontrava-a toda florida. Ella enfeitava-se diante do espelho grande da sala, n'uma viva preocupação, com todas as flo-

res das jarras. Plantava-as pelos cabellos, pelo collo do roupão, em cada casa, disposições calculadamente para o effeito da *mise-en-scène* de sua vaidade. E olhava, mirava-se...

Elle chamava-lhe "maluca", rindo. E beijava-lhe a bocca, sob a chuva de petalás de flores que ella desfolhava sobre si, com a mão do alto, defronte do espelho.

Vinhau-lhe extravagancias. Uma vez, entrando Onofre antes da hora habitual, achou-a vestida de homem, com a roupa d'elle, a perna traçada, balouçando-a, recostada no sofá, com um ar de desenvoltura pelintra e um charuto inteiro entre os dedos.

Rio-se doidamente com a estupefacção do marido

Elle não gostou; disse-lhe n'uma branda reprehensão "que não era decente aquillo, que não fizesse mais semelhante scena..."

Marieta, pilhada em flagrante delicto, magoou-se. Não teve o que replicar; e foi despir-se, muito séria, quasi chorando.

Onofre teve algum trabalho em fazel-a voltar ás boas. E rio-se muito, depois, no quarto, ante a dificuldade d'ella despir as calças que estavam a estalar na exuberancia dos quadris.

II

Uma tarde, Onofre voltou da cidade depois da hora do costume. Não vendo Marieta na sala em que ella todos os dias o esperava, encaminhou-se para a sala de jantar.

A criada, a quem perguntou pela senhora, respondeu-lhe que, não sabia, que não tinha visto a ama sahir...

Onofre procurou-a por toda a casa, com uma vaga inquietação por não vel-a immediatamente, como era costame.

— Marieta! Marieta!

Começou a percorrer os aposentos; foi até á cozinha, á dispensa, ao quintal, ao jardim:

— Marieta! Marieta!...

Subiu ao primeiro andar.

No quarto de vestir estava um gavetão aberto, desarrumado, com roupas revoltas espalhadas pelo chão...

Foi ao quarto de dormir, arredou o reposteiro, entrou no gabinete de trabalho:

— Marieta! Marieta!...

Nada, ninguém respondia.

Desceu. Voltou á sala de visitas. A porta principal estava inteiramente aberta e, chegando ao patamar, viu sobre um degráo de pedra o lenço d'ella, cahido, muito branco ao sol.

Sentiu bater-lhe o coração mais forte. A inquietação crescia-lhe. Aquelle lenço que um ventinho fresco movia brandamente, lembrou-lhe um adeus de quem se vai...

Apanhou-o. A creada que se aproximára, admirada com o desaparecimento da senhora, perguntou outra vez se Marieta sahra.

— Não, senhor, a ama não prevenio nada... respondeu ella pasma.

A cosinheira deu a mesma resposta.

Então Onofre sem saber o que fazia, tomou o chapéo para procurar-a não sabia onde, e, transpunha a soleira que dava para a escada, quando uma gargalhada estrondosa rebentou detraz da porta. E Marieta appareceu, rindo-se muito, enquanto Onofre a beijava, dizendo-lhe, ainda com um resto de agitação:

— Oh! Marieta!... Que brincadeira de máo gosto!... Para que me fizeste isto? Para que?...

— Para ver o que tu farias se eu te fugisse, — respondeu, ainda suffocada pelo riso.
 — Maluca, — disse elle já calmo.
 E seguiram os dois para a sala de jantar, abraçados, beijando-se carinhosamente.

Continúa.

ANTONIO ZALYAR.

THEATROS

D. PEDRO II



Os *habitués* do lyrico estão descontentes com a actual companhia do senhor Musella.

E vai ahitanta verdade que na noite da primeira representação dos *Huguenotes* o publico manifestou o seu desagrado, querendo vaia o empresario em pleno theatro. E' justa a indignação.

S. PEDRO

Um drama novo á feição da platéa fluminense, com todas as scenas que agradam e commovem, cheio de peripecias que prendem a attenção do espectador, foi a *Torre de Nesie*, imaginosa produção do inspiado escriptor Dumas pae, traduzida especialmente para a empreza por Arthur Azevedo e Azeredo Coutinho.

Emilia Adelaide teve o principal papel, o de Margarida de Borgonha.

Annuciam-se para breves: *Fernanda*, *Maria Antonietta* e *Os Mystérios da India*.

No outro numero, diremos se *Fernanda* é ou não um successo, fallaremos tambem do drama *Dr. Rameau* dos nossos bons e illustrados amigos Dr. Valentin e Henrique Magalhães.

SANT'ANNA

O sympathico Nhônhô beneficiou-se a 31 do passado. Muitas palmas, bastantes flores e innumerables brindes. Felizardo!

Giulietta Dionesi exhibiu-se pela ultima vez na noite de 29.

E' de arrebatador, de causar pasmo e delirio ouvir-a tocar, fazer gemer aquelle mavioso instrumento docil aos seus dedos, meigo ás caricias do arco massajado com tanta firmeza!

Tão joven e tão perfeita e completa! Classifiquemo-la a um prodigio e um phenomeno da arte.

A *première* da revista *Cadix* teve lugar no dia 6 do corrente. No proximo numero fallaremos sobre este trabalho.

LUCINDA

La Mascotte, *La Petite Mariée*, *Le Serment d'Amour*, *Les Cloches de Corneville* e *La Grande Duchesse*, constituiram as novidades da companhia firmeza.

Em todas essas operetas Suzanne de Lys e Fuzier obtiveram novos triumphos. A concorrência tem sido boa.

Ainda bem que a honra do convento está salva.

RECREIO DRAMATICO

Depois do successo das *Doutoras*, é provavel que o Juca adquira outro Potoni theatral na opereta *La Gamine de Paris*, que breve irá á scena.

Muito em segredo nos disseram que a Herminia tem um papel tão bom, mesmo tão nas suas cordas que garante o successo da peça.

Ózalá que sim!

PHENIX DRAMATICA

A companhia dirigida pelo actor Galvão apresentou-se ao publico com um drama maritimo portuguez — *O Flagello dos Mares*, ornado de musica.

bretudo... barato. Vão que não se arrenderão.

FLORENTE.

MUNDO ELEGANTE



O *Club do Engenho Velho* no dia 20 do passado um sarau muito intimo aos seus associados. Não houve convites nem annuncios. A concorrência, por isso, não foi grande, mas a

festa corren muito animada e prolongou-se até 1 hora da madrugada. Comprimentamos a digna directoria por ter abolido a praxe de não dar partida no mez de Julho. Foi uma excellente deliberação, que os socios não deixarão de agradecer como devem.

Annunciamos a mudança d'este club para outro predio da mesma rua do *Haddock Lobo*, muito mais vasto e proprio para os bellos concertos que costuma realisar. Com a grande partida de anniversario, marcada para 24 do corrente, coincidirá a inauguração do novo edificio. Dix-se que tomarão parte naquelle concerto distinctissimos amadores e eximios artistas.

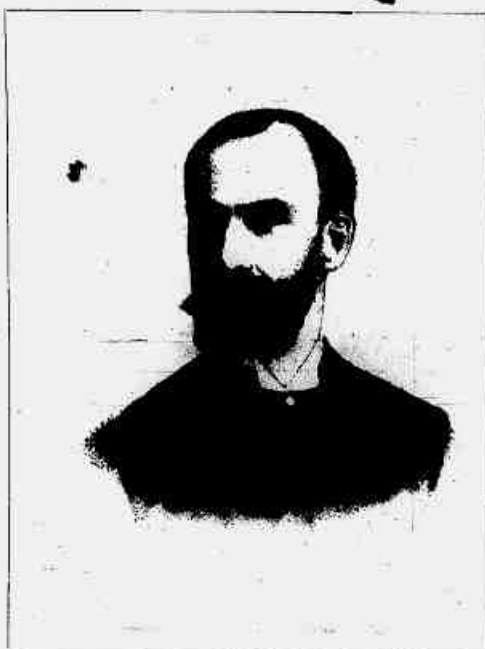
Lá estaremos... se nos for entregues o convite.

Annuncia-se para breve um grande baile á officialidade de um vaso de guerra estrangeiro, surto no nosso porto.

Será um baile *alto*, *princesco* e *augusto*. As honras do salão serão feitas pelas *mais distinctas* senhoras da sociedade fluminense.

E nós que não temos nem fardas, nem chapéo armado?

Morreu a Rua!!!...



BARÃO DO GUAYH

Estão em ensaios: *Os Portuguezes na Africa*, e o drama de Cesar de Lacerda *Os homens que riem*.

Não fallando no *Polytheama*, que vae em decadencia com uma companhia digna dos circos de Congonhas, resta-me tecer sinceros elogios a Carlos de Mesquita pelo brilhantismo de suas *matinées*, habilmente organisadas e dirigidas, e dignas de um publico amante da musica.

Já ouvimos tres, e em todas salientaram-se o bom gosto e a delicadeza de escolha do talentoso maestro, tão digno dos nossos applausos quanto da benevolencia publicos, que não deve abandonar o S. Pedro de Alcantara, onde se ouve boa musica, bem interpretada, ainda melhor executada e so-

Brilhou sempre! Teve uma vida curta mas luminosa!

Honra aos distinctos talentos que enriqueceram aquellas paginas com as fulgurações e belleza do seu estylo; profundidade das suas convicções e inspiração dos seus versos; amenidade, verve e suavidade da sua prosa. Lamentamos e profundamente este desaparecimento.

Adeus, querida Ruz, adeus, até que voltes!...

Um abraço de sincero amigo e admirador a Parda Mallet, Luiz Murat, Olavo Bilac e Raul Pompeia.

A redacção do *Archivo* compunhe-se com a falta da sua collega *A Ruz*.

Manifestação das laranjas... no dia 25 do proximo passado... *Uma pepineira ao subdelegado*. Só as vimos assim, e ajudamol-as tambem, em Coimbra.

Em toda a quinzena foi a nota de mais espirito e de maior originalidade.

Salve academicos!

(Eu só queria ver a cara do Sr. sub-delegue).

SATANICO.

LITTERATURA



O Cemiterio

Quando é tarde nos tumulos sombrios
A lua esbate a merencoria cor;
Tremia uma saudade e, em cada flor
Rolam crystaes de lagrimas em fios.

Tremem as cruces sobre os leitos frios
Por esse imperio do mais negro horror!
E sobre os corpos hirtos sem calor
Abrem as asas os tufoes bravios.

Ouvem-se os gritos d'agourentas aves,
Que perpassando da capella as naves
Ouvam da morte perturbar o somno.

Todo alli dorme; só não dorme a terra,
Poggue a terra, que o corpo envolve, encerra
Do vazio atroz o pavoroso throno.

BARONEXA DE MAMANGUAPE.

Julho — 88

Combate dos Instinctos

A MATHIAS CARVALHO

Vinde aprender commigo a ter coragem
O' moços que soffreis;
Cada uma hora que passa — é uma agonia,
Cada instante que venço — uma ironia
Das saudades cruéis!

Em vão, meu coração, triste calceta
Acorrentado ao peito,
Procura libertar-se do passado
Sem nada conseguir o desgraçado,
A' dor sempre sujeito.

No craneo, eu tenho sempre a tempestade
Tenebrosa, a rugir;
São pantheras cruéis meus pensamentos,
Estendem os punhaes finos, sangrentos,
Não cessam de ferir.

A's vezes, acoçada das torturas
Minh'alma allucinada,
O flanco da vertigem cavalgando,
De um mundo a outro mundo vas saltando
Para encontrar posada.

E sente atrás de si por toda a parte
Onde esconder-se vá,
Offeça n'uma estrella scintillante,
Ou no seio de Deus — dilacerante
A dor seguindo-a lá!

O concerto das aves que pipilam,
Alegres, na floresta,
Vae passando tremendo em meus ouvidos
— Um côro de soluços e gemidos
E não vozes de festa!

Se o mar levanta o collo em desespero
Em busca da amplidão,
E cahé saltando um grito retumbante...
Eu julgo ouvir n'aquella voz possante
A minha maldição.

As vagas que se encontram rancorosas,
Mordendo-se na luta,
Soltam gritos e ais allucinadas,
Parecem de Satan as gargalhadas
Que o meu ouvido esenta.

A brisa que fustiga os meus cabellos
Fugitiva, ao passar,
Solta um riso nervoso e mordicante
E diz: — has de soffrer a todo o instante;
Não podes descançar.

E as nuvens pequenitas, côr de rosa,
Que passam mansamente,
Pelo vento levadas e brincando,
De corvos assemelham negro bando,
Que surge de repente!

E quando n'esta luta gigantesca
Eu vou enfraquecer,
Uma visão murmura em meu ouvido:
— Causaste de soffrer, eis-te vendido!
E eu digo: — Rei de vencer!

E fujo caído, e corro allucinado...
A minha dor é tanta,
Que n'um do vulcão incandescente
Que tenho no meu peito, a lava ardente
Sabir-me na garganta!

E vou fugindo sempre d'essa imagem
Gritando ao coração:
— Maldito, não palpites, apressado,
Não voltes, não vacilles, desgraçado!
Porque serás vilão!

Vinde aprender commigo a ter coragem
O' moços que soffreis;
Cada uma hora que passa — é uma agonia,
Cada instante que venço — uma ironia
Das saudades cruéis!

PLACIDO D'ABREU.

BELLAS-ARTES

Fomos ha dias obsequiosamente convidados pelos Srs. M. Ribeiro e Villas Boas para assistir á inauguração do novo *Atelier Moderno*, sito á rua do Ouvidor n. 45

Podemos garantir que este estabelecimento é o unico em seu genero que entre nós offerece incontestavelmente mais recurso para aquelles que não só apreciam a arte da pintura, como para os que a professam, offerecendo a estes a vantagem de poderem n'elle expor os resultados dos seus trabalhos artisticos.

Enviamos sinceros parabens aos Srs. M. Ribeiro e Villas Boas por facilitarem assim um ponto onde o nosso *High-life* possa disfarçar as horas de tedio.

Isto é, se o nosso *High-life* realmente dá apreço ás Bellas-Artes, como é de crer.

Tomamos a liberdade de recomendar aos nossos amáveis amigos e leitores os seguintes quadros, que realmente se destacam pela sua bellissima execução, e que muito evidentemente demonstra o grande talento dos pintores que os executaram.

Comecemos pelos quadros seguintes: *Genarentola*, bellissimo e admirável trabalho de Bernardelli. *Armas antigas*, magnífico quadro de V. Gensolen que tanto se destaca pela sua belleza e fiel execução, mostrando ainda uma vez o notavel talento d'esse eximio pastellista que se acha entre nós. *Uma esplendida paisagem de Aurelio de Figueiredo*, na qual se nota um colorido nitido e tropical. *Despertam-nos o appetite os cajás de Estevão Silva e os peçegos de Gensolen*.

O Dr. França Junior, faz-se representar pelas suas paisagens, cheias de verdor.

Não podemos concluir a nossa noticia, sem enviarmos ao distincto artista o Sr. Berns um cordial apato de mão pelas dola bustos admiraveis que alli expõe.

Por hoje basta: aqui ficamos aguardando o proximo numero para n'elle prolongarmos a nossa modesta critica.

DIALMA.

SALA DE FUMO

A nota alegre da quinzena, foi a manifestação pândega-academica ao *fructo prohibido*. Certa autoridade policial, propor uma errata á Biblia que não foi bem aceita pelos futuros scolarios. Muito bem. Nós que estudamos a historia contemporanea, compreendemos immediatamente o facto: — era a segunda manifestação de um antigo teor da policia, com as laranjas. Mas os estudantes foram mais perspicazes e viram nisso, uma ameaça á liberdade do commercio, um attentado contra os seus habitos e directos adquiridos, e mais alguma coisa... e abuso de força contra uma pobre vendadora de ditas victimas innocentes sacrificada ao questio... para exercer-se uma vingança contra ellas.

Era preciso desafrontar a classe. Pensaram no caso... e zás! Decidem a mais espontanea e espirituosa das manifestações a que temos assistido. Invadem o mercado: despejam as algibeiras nos tableiros e nuncem-se dos pomos vedados e de legumes. Organizam depois um pretexto imponente e eis-os passando no *boulevard* aristocrata, alegres, folgado, precedidos da Geralda e de uma orchestra melhor que a do Mussella, levando em triumpho as pobres victimas da raiva policial elevadas á altura... das bengalas!

Dahi seguem na melhor ordem possivel para a casa do barbaro algoz. Este não teve a presença de espirito bastante para apparecer-lhes e por modestia não seou da força contra os manifestantes. Celebrada então com toda a pompa aquella denodada façanha, r-tiram-se os amigos, deixando-lhes os mais impagaveis cartões de visita que puderam descobrir.

Immorredoura manifestação, viverás para sempre na memoria de todos... e na da Policia tambem! Que assumpto para o carnaval de 1890! O amigo Putiphar abraça a tua companheira!

E assim ficará na historia o nome da Geralda, a digna successora da Sabina!

★

Certo prelado almoçava,
Quando chegou certo abade;
Offrece um, recusa o outro,
E porque? Diz:

— Em verdade

Almocei já duas vezes.

Torna o outro:

— Isso é commum,

Almoce tres.

— Não, não posso,

Hoje é dia de jejum.

★

Um juiz muito conhecido, que tem uma saude de ferro, foi procurar o seu medico.

— O senhor em minha casa? Perguntou o medico, estupefacto.

— A minha saude começa a inquietar-me um pouco...

— De que soffre? da cabeça, do estomago, do coração?

— Graças a Deus, todos esses orgãos funcionan bem. Sofro apenas de insomnias... durante a audiencia!

★

De todos os livros, o da vida é sempre o mais difficil de fazer, principalmente se a pessoa que o faz lhe quer pôr o seu nome.

Com respeito á mulher, o livro da vida só é bom quando não tem assignatura.

★

Ha sete peccados mortaes para os sete dias da semana. A mulher é o oitavo peccado. Mas não será tambem a quarta virtude theoloyal?

★

Estão muito longe de ser poetas e apaixonados os que não passam o Bubbicon, visto ser da outra banda que estão a poesia e o amor.

★

D. Quixote carecia de maior engenho para arrometter com os moínhos, do que Sancho Pança para rir de D. Quixote.

- Leste o folhetim do Ignotus?
- Qual? homem.
- Aquelle original intitulado doctor Charcot, inserto na *Gazeta da Tarde* de 22 do proximo passado?
- Hom'essa! original? Aquillo é uma horripilante e pavorosa traducção em que o Ignotus quiz escrever portuguez, meu tolo.
- Então em que lingua escreveu elle?
- Em barbaro!
- !!!

★

Uma reconhecida mediocridade, de um pedantismo não menos reconhecido, sem espirito e sem idéas, dizia, ha dias, n'uma roda em que conversavam alguns homens superiores:

— As minhas idéas, como as *concebo*...

Um dos presentes apanhou o *calembourg* e murmurou baixo:

— Sem duvida, porque não as podes comer com outra couaa...

★

Com a prohibição da venda de laranjas á porta da Escola de Medicina, L. da *Revistinha* que re... prova, insinua maliciosamente que se cante a *Marselheza* ou a a re... particular cousa improprial e mesmo superior á re... publica

São gostos, magaña. Em todos os tempos, desde que o mundo é mundo, a novidade foi sempre um grande attractivo...

De collete! o L da Revistinha. Vade retro!

★

A proposito, conversando com uma condessa, que nos dizia: — „Cuidado com o *José Telha!*...“ e em quem confiamos, occorram-nos as duas seguintes quadrinhas:

Na sociedade, condessa
Se alguém penetra sem goito,
Logo lhe cae na cabeça
A *telha* de um preconceito.

Mas tu és flor, e a teu lado,
E não mais que uma abelha...
Caia-me embora um telhado,
Quanto mais uma só *telha!*

SATANHO E COMP.

CRATOS A BOLA



Decifrações das claradas antecedentes:

Da charada em verso: *Mocomoco*.
Das novissimas: *Jacaré, Pataca, Largio e Gilvaç.*

Adivinhar um numero

De um jornal antigo que provavelmente o leitor não conhece, copiamos aqui esta interessante tabella por meio da qual

se pode adivinhar immediatamente qual quer numero n'ella escolhido.

Eis o processo:
Entrega-se a tabella a qualquer pessoa para que mentalmente tome nota de um numero. Depois pedem-se as letras alphabeticas que designam as columnas em que entra esse numero. Então o que se propõe a adivinhar vai sommando mentalmente os numeros que tem uma estrelinha á esquerda das columnas que foram designadas.

Somma total dará o numero pensado. Exemplo para maior clareza:

Uma pessoa marcou mentalmente o n. 23, supponhamos, e declara que o seu numero entra nas quatro columnas A, B, C e E. O adivinhador somma rapida e mentalmente os ns. 1, 2, 4 e 16 que são os numeros que tem estrelinhas á esquerda debaixo d'aquellas letras alphabeticas e cuja somma dá exactamente 23 que foi o numero passado.

Eis a tabella:

A	B	C	D	E	F
*1 33	*2 34	*4 36	*8 40	*16 48	*32 48
3 35	3 35	5 37	9 41	17 49	33 49
5 37	6 38	6 38	10 42	18 50	34 50
7 39	7 39	7 39	11 43	19 51	35 51
9 41	10 42	12 44	12 44	20 52	36 52
11 43	11 43	13 45	13 45	21 53	37 53
13 45	14 46	14 46	14 46	22 54	38 54
15 47	15 47	15 47	15 47	23 55	39 55
17 49	18 50	20 52	23 56	24 56	40 56
19 51	19 51	21 53	25 57	25 57	41 57
21 53	22 54	23 54	26 58	26 58	42 58
23 55	23 55	23 55	27 59	27 59	43 59
25 57	26 58	28 50	28 60	28 60	44 60
27 59	27 59	29 61	29 61	29 61	45 61
29 61	30 62	30 62	30 62	30 62	46 62
31 63	31 63	31 63	31 63	31 63	47 63

SATANHO E SATANAL.

★

Vae n'esses tantos festivos do rico Onde a riqueza se ostenta verás — 2
E como abrigo contrastando a isso O triste emblema que a pobreza traz — 3.

Conceito

Depois cercada de montanhas altas Verás as vagas que lhe vão beijar;
E como a garça que cansada pouca Mergulha a vista n'ampulhão do mar.

★

Sou elemento, em Portugal me encontrarão — 1 — 2.

★

Sirvo de adorno ás damas.
Sou adverbio de lugar — 1.
Da Meca sou parte prima — 1.
Sou um nome de mulher — 2.

B. de M.

ACTOS E FACTOS

Adriano, o malvado (!!!), e a colonia portugueza (!!!) a humanitaria (!!!)



Sim, senhores! Apoiado! Apoiado, repito. Filinto de Almeida, esse meu illustre amigo, o jornalista e poeta que honra e abrilhanta, ha muito, a litteratura brasileira, diz na *historia dos sete dias*, publicada

em folhetim no *Diario do Commercio* de 22 do mez passado, que protesta contra a expulsão de Adriano do Valle, da colonia portugueza; e discussão ridiculamente esplanada nas columnas de varios jornaes!

Não protesta, collega, deixe passar essa crueldade... crueldade?... Não! Tolice! Esse pobre moço, fanatico, excitado, talvez inconsciente ou embriagado, é um facinora? um malvado? Envergonhon elle os portuguezes? É quem deu o direito á colonia portugueza, á colonia é um modo de fallar, de expulsar (???) um seu irmão, um subdito de El-Rei D. Luiz I, um filho do honrado e valente Portugal? um compatriota?

Adriano, a criança, o louco, tanto podia commetter o attentado por efeitos alcoholicos, como por *indicação de outrem*, como até pela doença cerebral, denominada por: Legrand du Saulle, por Dagonet, C. Lombroso, Maudsley, Vibert, Krafft-Ebing, Magnan et Charcot, Fabref, Respaud, Julio de Mattos, Seana, Craveiro e outros alienistas autorisados, a *terribil epylepsia larvada!*

Chega um portuguez a este bello e rico paiz (não direi como...), faz carreira e fortuna e a colonia adora-o, respeita-o, delecta-o e finge-se melhor ou peor uma sua amiga... Mas se ao contrariê elle é um doente — ah! sim, perque um criminoso ó um doente, provam-n'o os mentalistas e os criminalistas celebres — um alienado, uma creança, um alcoolico, que commetteu um crime, uma *vergonha*, uma *leviandade*, o que fazem os senhores, *bons irmãos*, *bons amigos*, *bons protectores*? Vão á cadeia? ao hospital? procuram um advogado? um medico? dão-lhe cigarros e conselhos? pão e pezames? Isso sim! Recuem-se, inquiram-se, olham-se, consultam-se e, depois de espremerem o cerebro muito doloridamente, como se faz com viagens de rosto a uma espinha carnal, lá esguicham uma ideia, muito pequenina... muito selvagem... muito reaccionaria!...

Prompto! dizem... Já o sabemos... Pede-se a Felano, que escreva a Sierano que falle e expulsa-se o *regicida*... como até já se lhe chamou sem elle ter morto, *nem rei nem roca*... e lá vão o manifesto, o protesto ou que diabo foi!!!

Expulsa-se o homem da colonia portugueza!!! e ahí fica salva a honra do parilhão e das lusitanas praias... da carne secca da rua do Rosario, da mantega de outra qualquer rua... e do tontico dos patriotas!...

Assim — condição ingente! — o pobre rapaz viu-se no mundo *duas vezes* ex-

pulso do seio!... Já é ter azar!... Eu não posso tratar seriamente esta coisa; trabalho inglorio e desaproveitado tiveram *A Placeta*, o *Diario de Noticias*, a *Gazeta*, o *Parisi Mallet* e outros em protestarem contra a deshumanidade do protesto que dava Adriano como *não portuguez*!... Já ouço daqui o espiritooso Ney: — *E' enorme!*...

Adriano do Valle será portuguez em vida e até mesmo em... esqueleto, sensato ou epileptico, honrado ou não... e ninguém, ninguém, ouviram? tem o direito nem se pôde arrogar a presumpção de o desejar expulsar nem do seio, nem do bestunfo da colonia portugueza!... Repito, colonia é um modo de fallar, eu faço justiça á seriedade dos... portuguezes... serios.

Ora, Sr. portuguezes, meus queridos patriotas, tendo lido um poucachinho de historia patria, digam-me onde ha lá exemplos de se expulsarem os portuguezes *uns aos outros*?...

Os proprios reis nunca renegaram os traidores, os assassinos e os vilões que eram seus compatriotas!... Conhecem por milagre... o que é a historia patria? Creio que não! Os senhores a pluralidade tem a mesma noção do seu paiz e das suas *queridas cousas*... *nataes*: como o Italiano que perguntado sobre o que seria Portugal respondeu com embofia e muito seriamente:

— Ah! Portugallo? conheço muito bem... uma provincia de Hespanha, vendida aos ingleses, onde se falla *com grammatica a lingua brasileira*, e me dizem, ha ricas laranjas!...

E's varo!... Ora, ahí tem os senhores! Correm ás vezes parelhas com o *erudito italiano*!... A posto em como não sabem onde fica em Portugal — *Maças de D. Maria*, *Frixeiro de Espada á Cinta* e a *Porcalhota!* quem é o *Rei da Madureza* ou quem foi o *Fajardo*?

Ora pois... paciencia! Deixem-se de assumos que ninguém lhes reconhece, não se dêem á irritação do povo estrangeiro que os acolheu, os estima, mas que tambem os *troça ás vezes* e com razão, e façam uma grande obra de philantropia; um exemplo de humanidade, pagando por subscrição da colonia, a um advogado que defenda a triste criança, levem-lhe um colchão e duas lençoes lavados, cigarros e uns bons livros! Façam-lhe isto! Lavem-lhe a camisa e dêem-lhe toapas, e não lhe atirem posthemias de lana, enovelhando-o mais e ministrando-lhe em troca de commiseração, de piedade, de protecção e de patriotismo; a crueldade, a miseria, a cadeia, a fome e o ostracismo!

Eu direi como o meu amigo e illustre collega, Filinto de Almeida, *piiedade!* Se a colonia portugueza expulsou — lá por sua *alta recreação e livre arbitrio* ou pela penna d'este ou d'aquelle cavalheiro, o portuguez e infelix Adriano do Valle, ha compatriotas independentes e sinceros que sem bajulação a ninguém, sem arrecoios, nem preconceitos mesquinhos, dizem bem alto:

— Não ha tal! Portugal não commetteu a ninguém o encargo de fazer *asneiras* em seu nome, e com a sua responsabilidade!

Quando todos apredejarem no pelouri-

1 Refiro-me aos indoutos que tambem protestaram sem saberem um atomo de Direito Internacional, nem do methode de João de Deus.
2 Voude já declararme concorrente potencialmente se se fizer a subscrição.

nho d'uma irritação mal preconcebida, e desgraçado moço, que nunca senhou uma tal crueldade, dirão muitos:

— Oh! gente... onça... d'uma figa... ide *pentear macacos*... e sabei uma cousa... Nenhum brasileiro senato e patriota, mesmo nenhum estrangeiro aquí residente, approvou o vosso proceder, que não foi nem humano, nem misericordioso nem patriótico, nem... *catholico, apostolico, romano*.

Bem diz o latimzinho: *Nihil cum potentiore juris relinquatur inopi.*

CASTRO SOROMENHO.

O LAR



Nhonhô, o endiabrado nhonhô, a um canto da sala de jantar recorta bonecos de papel, sentado no chão com a negrinha de casa.

A mãe levanta-se para ir lá dentro. Nhonhô levanta-

ta-se tambem e segue-a.

— Espera ahí, filhinho, vao brincar; mamãe volta.

Nhonhô insiste:

— Mas onde é que mamãe vao?

— Vou lá dentro, filhinho, e volto já, já.

E, como nhonhô insistisse ainda ella declarou:

— Vou á *casinha* — expressão familiar com que designava o *Water-closet* que ficava ao fundo do corredor.

Nhonhô entende e volta para junto da negrinha que continúa a recortar gerações infindaveis de bonecos de papel.

Subitamente, vibra a campainha.

Ambos levantam-se e vão em tropel ver quem bate.

E' um moço bem vestido, de chapéo alto e de luvas, que pergunta pelo Dr.

— Papai tá na cidade, respondeu-lhe nhonhô desembaraçadamente.

— E sua mamãe não está? inquirio a visita.

Nhonhô responde naturalmente:

— Mamãe tá sim; mas agora ella foi lá na *casinha*...

— !!!

Loção contra a queda dos cabelos

- Tintura de Saponina 1 1/2 gram.
- Petroleo liquido 1 "
- Oleato de mercurio 1 1/2 "

Misturas sacudindo vivamente. Deita-se um pouco do liquido na palma da mão e fricciona a cabeça.

Outra:

- Serragem 180 gram.
- Espirito de vinho 360 "
- " alcrcim 60 "
- Tintura de noz moscada 15 "

Depois de 15 dias de repouso, filtra-se e emprega-se em fricções de manhã e á noite.

V. Ex. deixou mais um rasto luminoso, da sua grande bondade e generosa magnitude! Deixou apenas que o poder judicial abra-se e não quiz ser parte no processo! V. Ex. esteve retido no leito, muito doente. Portugal e até no estrangeiro se receou e bem justificadamente pela sua vida! Muito bem o aggressor que não tentou contra a honra, nem contra o brio, nem contra a dignidade de V. Ex. — foi preso, julgado e condemnado a 18 mezes (? ? ?) de prisão!

V. Ex. teve manifestações que lhe provaram o quanto é querido e quanto a sua existência é preciosa e necessaria ao paiz! Pois Exm. Sr., V. Ex. talvez por descuido ou por myope, não se ponde defender, por longe de um amigo, igualmente não foi libertado da aggressão, a tempo de ser evitado! Porém V. Ex. ficou restabelecido, e o criminoso soffre o castigo.

Agora pergunto: tocou elle, na honra e nas virtudes e na dignidade que exornam V. Ex. ? Não de certo!

Pois então ouça V. Ex. o que se vai seguir e está acabado o promettido e exarado, que tantas offensões lhe causou por o julgar certamente maior que a besta do *Appoclypsse* e mais prolixo do que a... prolixidade!!

E já que entrou aqui a besta da Biblia(?) vou contar a V. Ex. um facto que de certo o vai admirar.

N'um bello jornal republicano que se publicou aqui, onde fulguraram pennas vermelhas mas de laudado talento, onde houve cerebros que vomitaram concusantes e fulvos esplendidos artigos contra a tropéga e cachetica monarchia, um d'estes lindos e exaltados pensadores — republicano acerrimo e bacharel em direito — porque... porque... por alguma razão que eu mesmo nem sei explicar porque não tenho a honra de ser confidente nem compacheiro de redacção do meu sanguineo e vulcanico admirado jornalista brasileiro, por qualquer razão repito, apéz um bem elaborado artigo sobre *Dirctos de auctor*, elle terminava dizendo: entre bella proza, ausencia de erros, cobardia de "hantismo e de impertinencia, que? V. Ex. e o *Voluntinista* portuguez, Julio Cesar..., eram duas... *bestas*!!!... Ora, julgue aquillo fôr erro typographic, que ali a cousa eu differença para mais ou para nos! Logo *bestas*!...

Passou-se isto, ninguém podia dizer. «Oh! Sr. Fulano faça obséquio do insultar a besta... assim mesmo... e tudo!» Quasi todos os nossos collegas — honra lhes seja e a V. Ex. ainda mais — protestaram como entenderam e quizeram e eu no numero dois do *Archivo Contemporaneo Illustrado* escrevi o que passo a transcrever:

«O *Souvarine* está sacrilego!

Então é assim, meu caro collega, que se faz jornalismo?

Insultando quem, não se pôde livrar do improperio?

Eu não acredito que o distincto *Souvarine*, estivesse de bom humor reflectido, e calmo quando escreveu aquella sandice! Elle diz n' *A Rua de S do corrente* que Pinheiro Chagas e Julio Cesar Machado são... *bestas*!!!...

Ora, *Souvarine*, você tão justo, recto, commette assim gratuitamente uma indecência? Que diabo faz o editor do *Compendio de Civildade*, de João Felix Ferreira, que nem no menos distribue profusa e gratuitamente o seu livro?

Pinheiro Chagas e Julio Cesar Machado de certo se vão rir muito. E Ramalho Ortigão o que dirá?... Afinal creio bem que se o Ramalho conhece o *Souvarine*, hade dizer aos insultados:

«Meus amigos, aquelle *Souvarine* d'alem um revolucionario, da litteratura, tem

o paladar um pouquinho embotado e possui um espirito *venenifero*. Desculpem-n'o porque eu affianço-lhes que elle na occasião não tinha a sua luva calçada...»

Ora, ainda bem, que já em Portugal ha um homem que conhece quem é Pinheiro Chagas, Julio Cesar Machado e o David Corazzi. Este homem que é um dos mestres da lingua portugueza, e que é um talento litterario, esteve no Rio de Janeiro conhece o *Souvarine* naturalmente ou de tradição ou pela gravata...

Elle que se encarregue de attenuar a falta committida, irreflectida e leviandamente pelo arrebatado moço, que apesar d'isto é um talentoso jornalista e já assumio uma importante posição no mundo litterario *Das terras de Santa Cruz*!

E *Souvarine* peço-lhe que roube aos seus olhos algum tempo e leia as bellas *porcarias* do Corazzi, e as excellentes *bestaigues* dos homens que são mestres no jornalismo portuguez e que lhe podem ministrar optimas lições. Elles conhecem pelo menos João Felix Pereira!

CASTRO SOROMENHO.

Agora diz V. Ex. e com razão: quem lhe *commendou o sermão, que lhe pague*.

Mas não é de agradecimentos, que regelta, que se trata; eu como portuguez, como jornalista, como critico (V. Ex. da licença que eu tenha a pretensão tambem de desejar fazer um pouquinho de critica... mas da de luva?) entendi que estando V. Ex. ahí muito atarefado com a sua passmosa actividade, não podendo responder dignamente, e provar — escrevendo — que não era *besta*, que isso era um qui-pro-quo — que não havia tal, que era chafarica, etc., etc., — eu repito descí, ao raso emparrado e consolando dir *mitigação* das leaes, disse de V. Ex. *alguma coisa melhor* do que tratou assim... tão por, de resto, tão escholasticamente... tão como entre *credôr e... catolotro*!

Pois V. Ex. que está n'essa abençoada terra, aposto em como não teve conhecimento nem do ataque nem das deflezas, (porque foram varias e muitas?)

Pois eu sou mais infeliz! Senão apanhei ainda *pauleadas* — *na é d falta de vontade dos meus inimigos* — é porque tenho um pulso rijo e não sou la grande coisa myope; em *compensação* ainda o jornalista *calamitador*, o *canalha* e o *tratante* não têm delidado para o typographo os *linguados* emporcallehados de *berrias* e de *in-sultos* e já um portador de más novas — que é *quasi sempre um amigo* — me vem dizer presuroso, condoído e *meio sardunico*:

— Sabes já? Ou já leste?

— O que?

— Pois não viste o artigo de Fulano contra ti...

A's vezes encolho os hombros, outras vezes tenho o mau senso de me offender e então exaspero-me.

Val agora V. Ex. dizer «haverá quem goste que o desacreditem...?»

Pois eu lhe digo Exmo. Sr. zango-me não é com o artigo nem com o auctor nem com o amigo que me deu a boa nova!...

E... commigo mesmo!

Faça V. Ex. como solidario d'esse artigo que reputo a maior e a mais completa das infamias, a maior de todas as obscenidades, o obséquio de me declarar o nome do seu auctor, porque eu preciso que elle leia o mais que se me vai offerecer dizer, e transcrever desde documentos irrefutaveis, até testimonhos fidedignos, para com este *arsenal* com

que se acha *bitudada e coberta* a minha consciencia e modo de proceder, não só o desalojo do baluarte desmantellado, caverna de ladraõ e de assassino, onde se acolto, como tambem para com um *chicote* que servio para *domesticar a raça inteira* donde elle é oriundo e que eu encontrei escondido, nas brumas da minha indignação, lhe azorragar as orelhas e a estupidez que herdou do burro, bem como outras qualidades a lusida da serpente a cobardia da lebre, a manha da raposa. Estes meritos preciso eu *chicototear* embora elles se achem albergados na couraça d'um Titan! E' ousado mas sincero! V. Ex. é o redactor principal do *Atlantico*?

Pois então é a V. Ex. que por enquanto me dirijo e de duas razões uma!

Ou V. Ex. assume a responsabilidade do que ali porca e infamemente se assevera de mim; *coisas que posso actualmente fazer haquer com provas irrefragaveis e que publicarei*; e eu sei com quem me entendo e para quem tenho de dirigir os meus golpes, ou V. Ex. no cumulo da sua lealdade declina a responsabilidade do artigo que *considero apenas como o vomito d'um bebado, e então direi a quem do preciso para me justificar*. — *note V. Ex. que apaño provar o contrario, com factos, datas, documentos e testemunhos insuspeitos* — que a redacção *Atlantico* tem no seu seio e fazendo parteda sua solidariedade, da sua representação, do seu credito, do seu nome, do seu prestigio e da sua importancia, uma *rédea* de malandres, uma sucia de canalhas, uma *troupe* infame de bandidos, uma caterva vil de cobardes, e um magote de bebados que deshonram o jornalismo portuguez, roubam e maculam a honra de quem quer que não lhe pague meio litro de vinho em qualquer *tasca* de bandalhos e de vadios — *raça* a que pertencem em linha recta varonil e não interrompida — que caspem na dignidade de quem bem longe não lhes pode dar pontapes, e depois de tanta vilania, tanta *escroquerie* e tanta desvergonha, acobertados pelo *anonymo*, pela certeza da impunidade, pela enorme distancia que os separa d'uma *chibata* ates as infames as ladroes da honra alheia e talvez dos relogios e bolsos do despreoccupado indigena, elles reptam, acham-se solidamente salvos porque no cabeçalho do jornal ha duas linhas assim concebidas:

Redactor principal

MANOEL PINHEIRO CHAGAS!...

—.....

Eu gritarentão que é V. Ex. o unico de quem espero satisfizes não retranca nenhuma das minhas expressões enquanto não receber a sua resposta.

Se V. Ex. ou algum dos seus compacheiros n'essa redacção se julgar como não pode deixar de ser — offendido na sua honra ou dignidade não provando o que asseverarão, faze-me o maior dos favores encarregando aqui n'esta corte, alguém — seja quem fir — de me dar ou tomar satisfizes que desde já accetto, na certeza de que esse *alguem* me hade declarar o nome do responsavel ou auctor do escripto. Tenho ditto.

E V. Ex. accete os protestos da minha admiração e esperando resposta para immediatamente publicar a minha defesa, visto que isto apenas foi um protesto e uma intimação eu aqui fico aguardando as ordens de V. Ex., penalizado dolorosamente por não me achar ahí, e ser o unico portador do meu bilhete.

Cre. de V. Ex.

CASTRO SOROMENHO.

Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1880. — Rua do Carmo n. 63.

BOOK-MAKER BANK

Rua do Ouvidor 155 (Sobrado)

CAPITAL 150:000,000

Por additivo ao contracto social registrado na meretissima junta commercial, foi elevado a cento e cincoenta contos de réis o capital do Banco.

A directoria do Banco previne ao publico que, para attender com a maior presteza ao movimento das apostas, principalmente nos dias de corridas, os seus bilhetes d'ora em diante terão impressos o pareo, o logar e o numero de ordem do animal inscripto no programma.

Aproveita tambem a occasião para testemunhar ao publico o seu reconhecimento pela protecção, confiança e condescendencia que lhe tem dispensado.

Rio, Julho de 1889.—*Ribeiro Pinto & Braga.*

CAFÉ BRAZIL

Primeira Fabrica do Imperio em qualidade

Café moído á vista do consumidor

Kilo 18000

131, Rua do Ouvidor, 131

O PROPRIETARIO

João de' Costa B. Pereira das Neves'

Admirem isto!!!

Visconde de Ouró-Preto, B. de Loreto, Lado-rio, Maracajú, L. de Albuquerque, Diana, C. de Oliveira, S. Martins, A. Figueira, J. Alfredo, Paulino, G. de Castro, I. Martins, L. Duarte, J. Mariano, Q. Bocayuva, S. Marinho, Ubaldino do Amaral, Belisario, Ruy Barbosa. São estes os chapéos modernos e elegantissimos! Qual o rapaz chic e bonito que elegantemente se trajar deixará deter um chapéo d'estes? Especialidade em chapéos altos e baixos, francezes e inglezes! Lindos guarda-chuvas de pura seda na melhor CHAPELARIA da *Rua do Ouvidor 103, Chapelaria Universal de Jacintho Lopes.* Não se enganem! Não tenho mais filiaes! agora é na *Chapelaria Universal.* RUA DO OUVIDOR N. 103! é 103!!

GRANDE MAISON DE TAILLEUR

Sicoli, Lopes & Comp.

39-B, Rua da Uruguayana, 39-B

RI DE JANEIRO

O JACINTHO LOPES, proprietário da CHAPELARIA UNIVERSAL está indigitado como o 1º premiado da Exposição de Paris.

GRANDE SALÃO RIO DE JANEIRO

20, Largo de S. Francisco de Paula, 20

BARBEIRO E CABELLELEIRO

PONTO DOS BONDS DA COMPANHIA DE S. CHRISTOV.

E' este sem duvida o salão mais procurado pelos rapas do *high-life*; prova isto que é um dos primeiros do Rio de Janeiro.

O GUTIERREZ, o primeiro photographo do Rio de Janeiro, expoz na Chapelaria Watson, um magnifico trabalho da PHOTOGRAPHIA UNIAO, rua da Carioca 114. E' um quadro com os retratos dos engenheiros ultimamente formados.

Quanta arte e gosto aquillo não revela! Ah! Gutierrez tu és artista de grande merecimento, é incontestavel.

ARMAZEM DE MOLHADOS

DE

José Fernandes Granja & C.

Grande e variado sortimento de vinhos finissimos, licores das principaes marcas, conservas, doces de fructa e de calda, queijos frescos, bebidas nacionaes e estrangeiras.

134-b, Rua do Ouvidor, 134-b

CANTO DA DA URUGUAYANA

RIO DE JANEIRO